

Linha de passe: futebol e literatura em “O Último Minuto” de Marcelo Backes

Por

Gabriel Macêdo Poeys

(Aluno do Doutorado em Letras

Neolatinas. DRE: 113096605)

Paper apresentado a Equipe organizadora do II
Simpósio Internacional de Estudos sobre o Futebol.

Universidade Federal do Rio de Janeiro/ FL-UFRJ

2014/1

Introdução:

Futebol e literatura tiveram seu primeiro diálogo na Faculdade de Letras da UFRJ na década de 70, quando o Professor Ivan Cavalcanti Proença lançou seu olhar sobre as publicações sobre o futebol no Brasil. Ele, naquela ocasião, esperou alguns anos até que pudesse defender sua tese em 1980, que se transformaria em livro um ano mais tarde. Entre uma recopilação de diversas crônicas esportivas e publicações literárias ele redigiu sua tese. Pretendemos um trabalho cujo enfoque esteja mais na manifestação literatura e sua interface com a modernidade ao tratar do tema futebol.

É notório que o futebol possui uma carga de representatividade e que ele propaga para as gerações futuras costumes dos antigos, reverberando nessas gerações valores baseados em ideais da Europa pós Revolução Industrial. Dos pátios das indústrias inglesas à primeira Copa do Mundo, muita coisa mudou, releituras foram feitas, no entanto, o esporte manteve a sua base conservadora.

Durante décadas o elitismo literário afastou o grande público da produção literária de um país, mantendo esta como deleite de uns poucos déspotas. No entanto, por volta da década de 20 em diante, ocorre nos três países uma retomada de temas centrais, tópicos comuns ao grande público, como os processos migratórios comuns às grandes metrópoles emergentes. Surge o leitor participativo, cúmplice. Este dialoga com o autor e se reconhece no texto, se identifica com a obra literária e percebe a representação do que ele próprio vivencia. Nas cidades grandes, nas metrópoles cada vez mais inchadas esse leitor se confunde na multidão, ainda assim não perde sua individualidade na cidade das Letras. O encontro entre o intelectual e o leitor, em São Paulo, com Macunaíma, se transforma em leitura obrigatória. O estudioso Mario de Andrade não se exime da literatura fantástica e cria um romance que beira o inverossímil, muitas vezes justificado pela falta de verossimilhança na vida que o paulistano e o brasileiro levam. O autor propõe uma viagem pelo Brasil recriando mitos e recontando lendas inspirado no anti-herói multirracial que ele criou simbolizando o Brasil. Países cuja história justifica seu presente de mazelas, mas que surpreende pela riqueza literária e pelo brilhantismo intelectual.

O futebol aparece em textos escritos quando surge a crônica esportiva. Daí em diante ele vai permear charges, tirinhas, anúncios, textos jornalísticos e eventualmente ganhar a atenção de escritores cada vez mais. O que doravante significará um aporte deste para as Letras brasileiras. Uma vez presente na literatura, ele vai contribuir para o surgimento de um novo tipo de leitor. O leitor comum, casual, passa a ser um leitor mais frequente. Com esse nível de cumplicidade e exigência, o futebol passa a um patamar diferente na representação simbólica.

A cidade cresce, a literatura e o futebol ganham mais adeptos

Para aplicar uma firula exata
Que pintor
Para emplacar em que pinacoteca, nega
Pintura mais fundamental
Que um chute a gol
Com precisão
De flecha e folha seca
(Chico Buarque)

O futebol permeia a literatura hispano-americana, sendo por ela retratado muitas vezes em manifestações literárias distintas. Não obstante, esse tema tem sido negligenciado por muitos estudiosos que acreditam existirem assuntos menores e ignoram movimentos populares. No entanto, no Brasil, a partir da década de 80 um grande número de historiadores e antropólogos lançaram seus olhares para manifestações populares consideradas menores como o futebol e o carnaval. Apoiado em muitos destes estudiosos sustento as assertivas desta pesquisa e proponho uma investigação histórico-social do fenômeno do futebol na literatura brasileira, uruguaia e argentina.

Entende-se, portanto, que a literatura de países tidos como marginais abraçou esses temas que mais tarde preencheram suas histórias. Logo, pode-se observar uma semelhança curiosa na análise da presença desses temas em diversos momentos históricos. Tanto a literatura quanto o futebol eram atividades da elite que veio da Europa e trouxe consigo seu conservadorismo na prática e na difusão. Ambos tardaram a atingir um público mais popular, dependeram para tanto da modernização das cidades periféricas. Essa modernização tardia e influenciada por interesses externos transformou

o futebol e a literatura, imprimindo a ele ares totalmente particulares a sua produção. Uma vez popular, a literatura, que por muito tempo permaneceu elitista incorporou o futebol aos seus temas.

O Brasil e a Argentina figuraram entre as maiores potências industriais da América do Sul no século XX. Esse desenvolvimento industrial alavancou o fenômeno futebolístico que crescera no pátio das indústrias. Silenciosamente entre os dois países, o Uruguai não fica à margem desse processo: torna-se no início deste século e permanece até meados dele como um país extremamente moderno, fazendo frente a seus dois grandes vizinhos. Essa supremacia uruguaia comparada aos dois é percebida nos campeonatos internacionais disputados: as Olimpíadas, o Mundial de Futebol e a Taça Libertadores da América. Sozinho, o Uruguai tinha mais títulos que os outros dois juntos. Superioridade econômica e modernização tiveram reflexos diretos nos campeonatos de futebol.

Um sistema literário depende da formação de um público leitor. Este, por sua vez, está diretamente ligado à divulgação das obras por editoras. A propagação da literatura que sempre foi um empecilho para sua popularização esteve diretamente atrelada a formação de um público leitor, que por sua vez, estava a mercê da divulgação das obras por editoras. O crescimento destas, aliado à especialização dos leitores faz com que a literatura do *pós-boom* tenha uma maior divulgação de obras. Forma-se aí uma cumplicidade entre leitor e narrador, obras e editoras. Constrói-se, doravante, uma tradição literária com bases nas grandes capitais econômicas: São Paulo, Buenos Aires e a não tão grande, mas não menos importante neste processo, Montevideu.

O Futebol como metáfora da vida e a literatura como condição de existência

Que un hinchista de Peñarol se enamore de una chica de Nacional, o viceversa, puede originar resentimientos familiares de la envergadura, que los conviertan en los Montescos y Capuletos del subdesarrollo.

(Mario Benedetti)

Quando a discussão sobre os assuntos outrora menores torna-se mais significativa, faz-se necessária a justificativa de tal preleção. Ora, um esporte que movimenta um número tão grande de pessoas e recursos econômicos, presente nos dois maiores eventos da humanidade, a Copa do Mundo de futebol e os Jogos Olímpicos, possui um fator de mobilização social, que se contrapõe ao que se defendia nos regimes

ditatoriais, de que o futebol era fator de alienação social. Diversos antropólogos e historiadores tomam para si as questões que envolvem o futebol, sua prática e as manifestações culturais que dele advêm. No entanto essa questão ainda fica marginalizada nos estudos literários, tornando sua adesão tardia e problemática, no que tange à divulgação de obras.

O principal aporte teórico para o estudo do futebol encontra-se em quatro obras: *A Dança dos Deuses* (2007) de Hilário Franco Júnior, *O universo do futebol* de Roberto DaMatta e Veneno Remédio (2008) de José Miguel Wisnik. Todos os autores são respeitados pesquisadores e desenvolvem investigações importantes em grandes universidades em seus países de origem. Sobretudo devo destacar os professores Roberto daMatta, que foi pioneiro ao lançar luz sobre temas que outrora não eram debatidos na academia, e o professor Hilário Franco Júnior, que escreveu uma obra completa sobre o fenômeno do futebol, não só sob um viés histórico, mas também levando em conta o caráter psicológico, antropológico e social do desporto enquanto metáfora da vida. Os estudos literários e históricos ficam a cargo de filósofos, críticos e historiadores como Gaston Bachelard, Zygmunt Bauman, Marshall Berman, Antonio Candido, Gilles Deleuze, entre outros.

Com o surgimento da modernização das grandes cidades, na segunda metade do século XIX na Europa, que serviram de modelo para as cidades em expansão da América Latina no século seguinte, a literatura se difunde e alcança um público maior e mais exigente. Dito isto, percebe-se que o leitor cúmplice, mais ativo recorre a diversas leituras para significar seu texto, compondo, a seguir, um mercado e instaurando uma tradição literária. Os leitores coparticipantes, assim como o *boom* da literatura e o surgimento da nova novela hispano-americana, ditaram os rumos da produção intelectual no continente.

O romance da terra, o romance de 30, a nova novela hispano-americana e o modernismo brasileiro ilustram os rumos que a literatura do continente produzira. Não por acaso seus autores eram deveras participativos nos cenários políticos de seus países. A história e a literatura denunciavam umas as outras e tornam a leitura de um texto realista extremamente consoante com os movimentos populares e intelectuais de uma nação, logo percebemos que o futebol ao se tornar tópico literário é motivo de movimentação popular e não alienação, como foi divulgado durante algum tempo.

Tempo e espaço se delimitam na literatura através de estratégias do autor, mas universalmente pela estrutura física que se apresenta: o livro. As páginas delimitam o espaço e o tempo. Eventualmente, lacunas entre capítulos de um romance ou entre contos fazem o papel da pausa temporal e visualmente, espacial. Assim como a partida, que se divide em dois tempos, há também dos segundos de pausa entre as jogadas, previstos pela regra do jogo. Logo, o tempo é fixo, mas pode ser alterado (acréscimo) de acordo com o árbitro. O tempo numa partida não é alterado, no entanto, pode ser sentido de maneira subjetiva. Para uma equipe atingir um resultado, 90 minutos, pode não ser muito tempo; já para outra que deve manter um resultado, o mesmo período pode dar a impressão de ser demasiado. Na obra literária o tempo transcorre de acordo com a intenção do autor e sofre interferência do narrador. O tempo no texto, assim como no jogo é subjetivo. Este, em ambas as representações, literária e futebolística, é sensivelmente alterado.

A modernidade, depois de instaurada, começa a demonstrar um papel primordial na criação de uma classe média comum aos três países. As cidades grandes atraem cada vez mais uma população advinda do interior dos países. Esta por sua vez, altera imagetivamente a cidade e deixa um vazio populacional no restante do país. As cidades estão cada vez mais populosas e as editoras e universidades dão quórum e voz a esse novo e exigente leitor. O cenário proposto por Romero (2004) e Rama (1984) será de suma importância para a escritura da tese. Uma vez que se percebe a profunda interação entre as massas e o futebol, a quantidade de pessoas que ele desloca aos estádios e o envolvimento financeiro dos clubes e estádios despertarão ainda mais o interesse dos intelectuais, tanto nas crônicas esportivas quanto na literatura.

Os estudos de Bauman (2001), Berman (2007), Hall (2002) e Anderson (2008) são de extrema importância, uma vez que tratam de temas centrais para a definição de modernidade, como o sujeito em conflito, as relações intrapessoais esvaziadas e a burocracia que rege essa nova vida. Os estudos sobre a memória, de Bergson (1990) e Bachelard (1998), aliados ao estudo dos signos de Deleuze (1897), lançam uma luz sobre a continuidade da memória através dos signos propostos nas obras estudadas. Eles demonstram como o futebol deixa para as gerações posteriores valores e experiências de outrora e como ela estabelece um vínculo com a posteridade criando um sistema literário e dividindo um tema central.

Marcelo Backes, futebol e literatura num mundo novo

(...) se vai gostando dele aos poucos, depois de tantos encontros, talvez porque ele fale tudo e não esconda nada, porque ele não entra no jogo, não veste a máscara civilizatória, e com isso faz o ser humano sentir falta da barbárie na nuca, porque ele veio dum outro mundo e ainda vive num outro mundo, e experimenta tudo na carne, sem camisas nem casacos cosmopolitas pra lhe proteger a pele exposta, as fraturas mal saradas por causa de seu metafísico arrumador de ossos, as feridas todas que lhe cobrem a alma. (BAKES,2013: 133)

Publicado em 2013, *O Último Minuto* de Marcelo Backes é um romance que tem como pano de fundo o futebol, no entanto, o desporto bretão suscita as memórias de um narrador oprimido pelas grades de uma cela de prisão. Para além do pano de fundo, o futebol se mostra como um fio condutor das memórias do narrador. A interpelação do padre, para quem o personagem principal se confessa o faz rememorar sua trajetória e norteia as idas e vindas de João, o Vermelho.

João se sente incomodado pelo novo mundo que se forma diante de seus olhos. Os novos valores da pós-modernidade, sua dificuldade em compreender as rápidas mudanças e, sobretudo, o novo país que se configura, tudo sob o ponto de vista de quem se dedicou ao esporte e aos valores sobre os quais ele se sustenta. O futebol mudou desde a Revolução Industrial quando fora idealizado. Ele não é mais somente disciplinador, tornou-se dinâmico ao acompanhar as transformações vindouras.

A modernidade gera novos paradigmas para os personagens dos romances modernos. A periferia do capitalismo se encontra no entre-lugar (Santiago, 1978) do discurso das massas. O Romance se apropria desses conceitos para desenvolver sua trama narrativa. Na esteira dos países fronteiriços (Argentina e Uruguai) sua obra dialoga com autores ligados ao futebol como Eduardo Sacheri, Osvaldo Soriano, Eduardo Galeano, Mario Benedetti e Nelson Rodrigues. Ainda que com gêneros distintos (contos, crônicas e romance) a obra de Backes assinala um novo horizonte para a literatura brasileira.

O futebol perpassa as mudanças políticas profundas mantendo sua base, da mesma forma que o personagem criado por Backes. Políticas populistas, ditadura militar e a restauração da democracia. Eventos comuns a países como Brasil, Argentina e Uruguai, que apreenderam o caráter popular do futebol e fizeram uso deste para

alcançar o grande público. No entanto deve-se salientar que no primeiro a incorporação do futebol como tema das ditas grandes narrativas tardou. Essa demora faz como que a crônica esportiva se instaure como gênero comum ao futebol. Mario de Andrade e Nelson Rodrigues, por exemplo, abrem um precedente literário que Backes, ao se apropriar estabelece novos rumos para a literatura brasileira e dessa forma um diálogo com os outros países citados.

Conclusão

Backes é um intelectual que recorre a diversas referências para tecer a sua obra, Luiz de Camões, Jorge Luiz Borges e Juan Carlos Onetti são os aportes mais claros. Da literatura clássica, passando pelo realismo fantástico e ao realismo urbano, o autor vai do campo à cidade (Williams, 2011) sem perder a humildade referente ao primeiro lócus. Sua fala, desde o Rio de Janeiro, o faz lembrar dos tempos no interior do Rio Grande do Sul, quase na fronteira com o Uruguai, quando a morte dos gatinhos representa simbolicamente a morte do seu mundo. O fluxo de memórias e os signos (Deleuze, 1987) que a despertam são o ponto alto de sua narrativa e o que nos faz repensar os novos rumos do futebol, e, sobretudo, da sociedade brasileira.

Se suas influências são perceptíveis, não o é a sua abrangência. O livro de Backes trata de um tema que nos une e reverbera a necessidade moderna de adaptar-se às novas relações humanas. Concluímos, logo, que a modernidade encontra em atividades lúdicas, como a prática desportiva, uma fuga dela mesma e tem, na literatura, sua representação norteada por um autor consciente de seu tempo. Propomos, ao final, que o romance faz parte de um contexto cultural mais amplo que norteia a identidade brasileira tal qual o proposto por ANDERSON (2009). Sua obra reverbera nas ciências humanas como um todo e estabelece laços sobre a frágil tradição literária (romancista e) futebolística brasileira e abre as portas para a inserção do futebol como tema dos romances brasileiros.

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Catarina Mira. Lisboa: Edições 70, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de Futebol*. Rio de Janeiro. Record, 2002.

- ANDRADE, Mario. *Os filhos da Candinha*, 3ª ed. São Paulo, Martins Fontes 1976.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Argos, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BACKES, Marcelo. *O Último Minuto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BENEDETTI, Mario. *El escritor latinoamericano y la revolución posible*. Editorial Nueva Imagen, S.A. México D.F. 1977.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo Companhia da Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000
- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DaMATTA, Roberto e outros. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro. Pinakothke, 1982.
- DaMATTA, Roberto. *A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*; tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ELIOT, T. S. “Tradição e talento individual”, in: *Ensaio*; Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3ª Edição. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

FRANCO JR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. (Apresentação de Roberto da Matta) Petrópolis, Vozes, 1977.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Imaginarios urbanos*. 2ªed. Buenos Aires: EUDEBA, 1999.

GUTERMAN, Marcos. *O Futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MATTA, Roberto da. *A casa e a rua*. 5ed, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *América Latina: a pátria grande*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

_____. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as idéias*. Trad. Bella Jozef. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro, Rocco, 2006.

_____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.